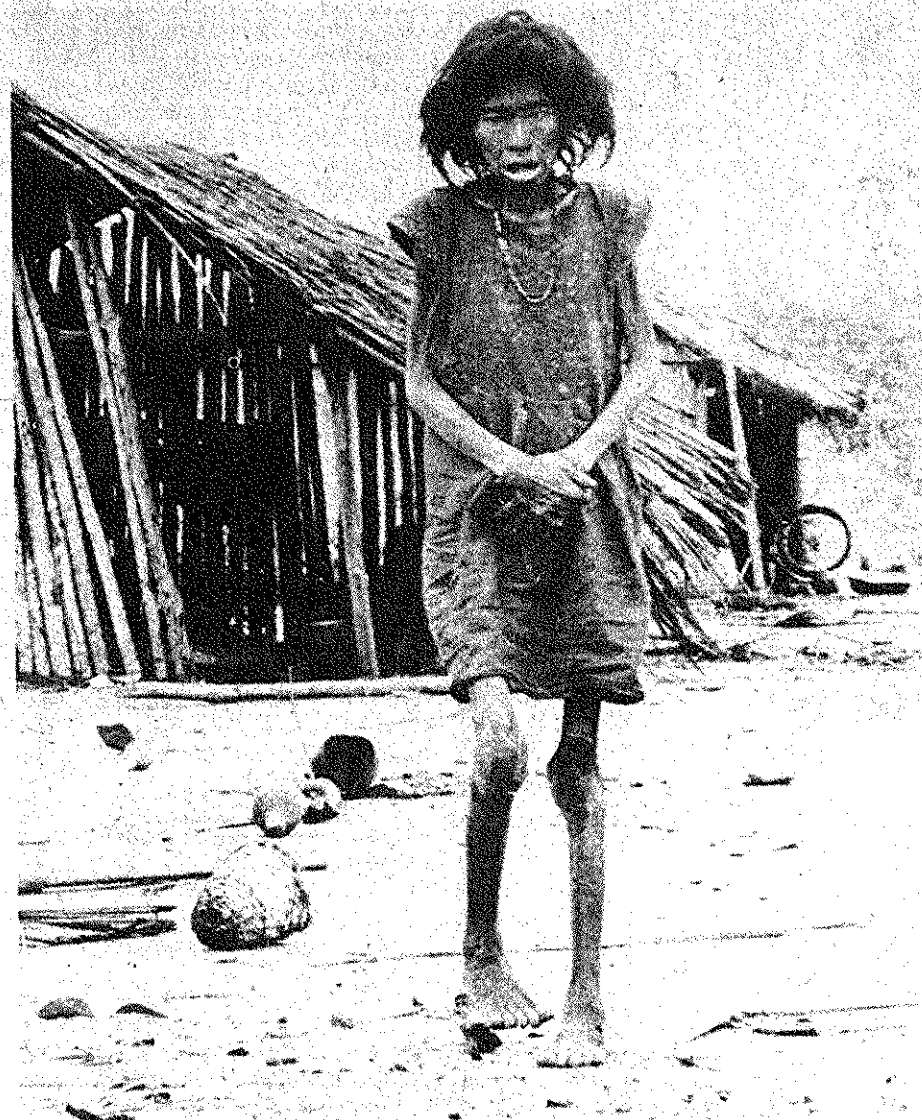


# O fim do mundo Nhambiquara

268

FSP-08/03/81



Numa aldeia perto da BR-364, os Nhambiquaras do Campo chegavam ao final da desnutrição.



(Fotos Vincent Carelli)

Índios Alantesu, um grupo Nhambiquara, ameaçados pela variante rodoviária.

“Quando a mão do branco profanar a morada dos espíritos, o fim do mundo estará próximo.”

Esta antiga crença dos Nhambiquara vem sendo lembrada com frequência pelos caciques dessa nação indígena, cujos 570 sobreviventes, em Rondônia e Mato Grosso, encontram-se agora definitivamente ameaçados de aniquilamento com a construção da variante da rodovia BR-364 (Cuiabá-Porto Velho) entre Pontes de Lacerda e Barracão Queimado, financiada pelo Banco Mundial.

Remanescentes de uma nação que chegou a ter 20 mil indivíduos, os Nhambiquara vegetam no vale do Guaporé, espremidos por enormes fazendas que ocupam ilegalmente suas terras férteis.

O pouco território indígena demarcado tem sido sistematicamente invadido e as autoridades nada fazem para assistir os grupos dispersos, expostos às doenças “civilizadas”, sem áreas de caça e pesca adequadas e obrigados ao nomadismo para sobreviver, enfrentando ainda as nuvens de desfolhantes (“agente laranja”) jogados sobre a área para desmatamento. Agora, com a variante da BR-364, decreta-se praticamente o fim da reserva indígena e dos grupos Nhambiquara — os assim chamados “do Norte” e “da Mata” — que ainda poderiam ser salvos. Quanto ao grupo “do Campo”, em estado de total apatia e desnutrição, já estava mesmo perdido.

Reportagem de Carlos Alberto Luppi, na pág. 8.



# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Folha de São Paulo

Class.: 268

Data: 08/03/81

Pg.: 08

## Estrada ameaça Nhambiquaras

Com terras invadidas, doente e faminto, o "povo dos iguais" poderá desaparecer

CARLOS ALBERTO LUPPI

Considerado pelos pesquisadores um povo "essencialmente igualitário", onde quem lidera é "sempre o mais hábil e quem partilha mais" e cujo sistema político garante "a todos os homens acesso igual ao poder e às riquezas", os índios nhambiquaras — tradicionais habitantes da região do Vale do Guaporé, no Mato Grosso — nos últimos setenta anos têm vivido uma trajetória de miséria e de morte. O contato com a sociedade branca e o processo de ocupação ilegal de suas terras férteis e sagradas, ocasionaram a morte de quase 20 mil indígenas, enquanto "o povo dos iguais" definhou, indefeso.

Agora, de uma nação outrora vigorosa para quem "a alma é a imagem de outro no olho", só restam 570 indígenas espalhados em pequenos grupos entre Vila Bela de Mato Grosso, Vilhena — em Rondônia — e a chapada dos Parecis, expostos à gripe, sarampo, tuberculose, desidratação, desmatamento criminoso com agentes químicos desfolhantes, invasão de suas pequenas áreas não demarcadas pela Funai e fome. Um povo errante, desanimado por tanto sofrimento, pressionado por fazendeiros, desassistido, sem esperança e com suas cavernas sagradas — "as moradas dos espíritos" — depredadas, invadidas e soterradas por tratores e máquinas, apesar de constituírem um dos maiores sítios arqueológicos existentes no País e ainda não pesquisadas.

Setenta anos depois do contato com a sociedade branca, a situação dos vários grupos nhambiquara — do norte, do campo e da mata — é tão crítica que os próprios indígenas consideram que seu fim como povo está próximo. Uma antiga crença nhambiquara vem sendo lembrada a todo instante pelos caciques. Ela diz: "Quando a mão branca profanar a morada dos espíritos, o fim do mundo estará próximo." E esta "profanação" vem se processando desde 1970 quando a Funai autorizou 22 empresas agropecuárias a se instalarem no Guaporé, nas terras não demarcadas dos índios, sob a alegação de que "ali não há índios".

Um grave erro que acelerou a desintegração dos nhambiquaras. Pressionados pelo arame farpado, pelos peões, tratores e desfolhantes a serviço das agropecuárias — inclusive o Tordão 101, o "agente laranja" usado em larga escala na Guerra do Vietnã — os índios foram transferidos das terras férteis e do seu habitat natural para campos pedregosos com pouca água, sem possibilidade de pesca e caça, e de fertilidade quase nula. A partir daí conheceram a miséria total e a fome endêmica a atacar principalmente os 167 nhambiquaras do campo em ruína.

### VARIANTE

Não obstante a flagrante miséria da nação Nhambiquara, outro fator vem, agora, juntar-se aos demais que ao longo dos anos ocasionaram praticamente o fim deste povo cuja palavra-chave no dia-dia tribal é "partilhar": a construção da variante de 490 quilômetros da rodovia BR 364 (que liga Cuiabá a Porto Velho), entre Pontes de Lacerda e Barracão Queimado, iniciada pelo 9.º Batalhão de Engenharia e Construção — BEC, com financiamento do Banco Mundial e cujas obras estão incluídas no Projeto do Polonoeste.

Esta variante simplesmente corta vários aldeamentos nhambiquara, passando a poucos quilômetros de outros. De nada valerem os protestos que desde 1979 vêm sendo feitos por várias entidades defensoras dos índios no Brasil, particularmente a Comissão Pró-Povo Nhambiquara, que tentaram evitar a passagem da estrada pelo território dos índios. O Banco Mundial foi avisado antecipadamente tão logo se soube da tentativa de se fazer novo traçado da BR objetivando beneficiar as empresas agropecuárias instaladas no Vale do Guaporé, em prejuízo dos índios: "As entidades indigenistas consideram que, caso se concretize esta mudança no traçado da rodovia, ficará caracterizado um ato consciente e programado de genocídio" — afirma a Comissão Pró-Povo Nhambiquara, formada por treze entidades indigenistas — em carta enviada à presidência do Banco Mundial.

"Acreditamos que a passagem da BR 364 dentro do território Nhambiquara

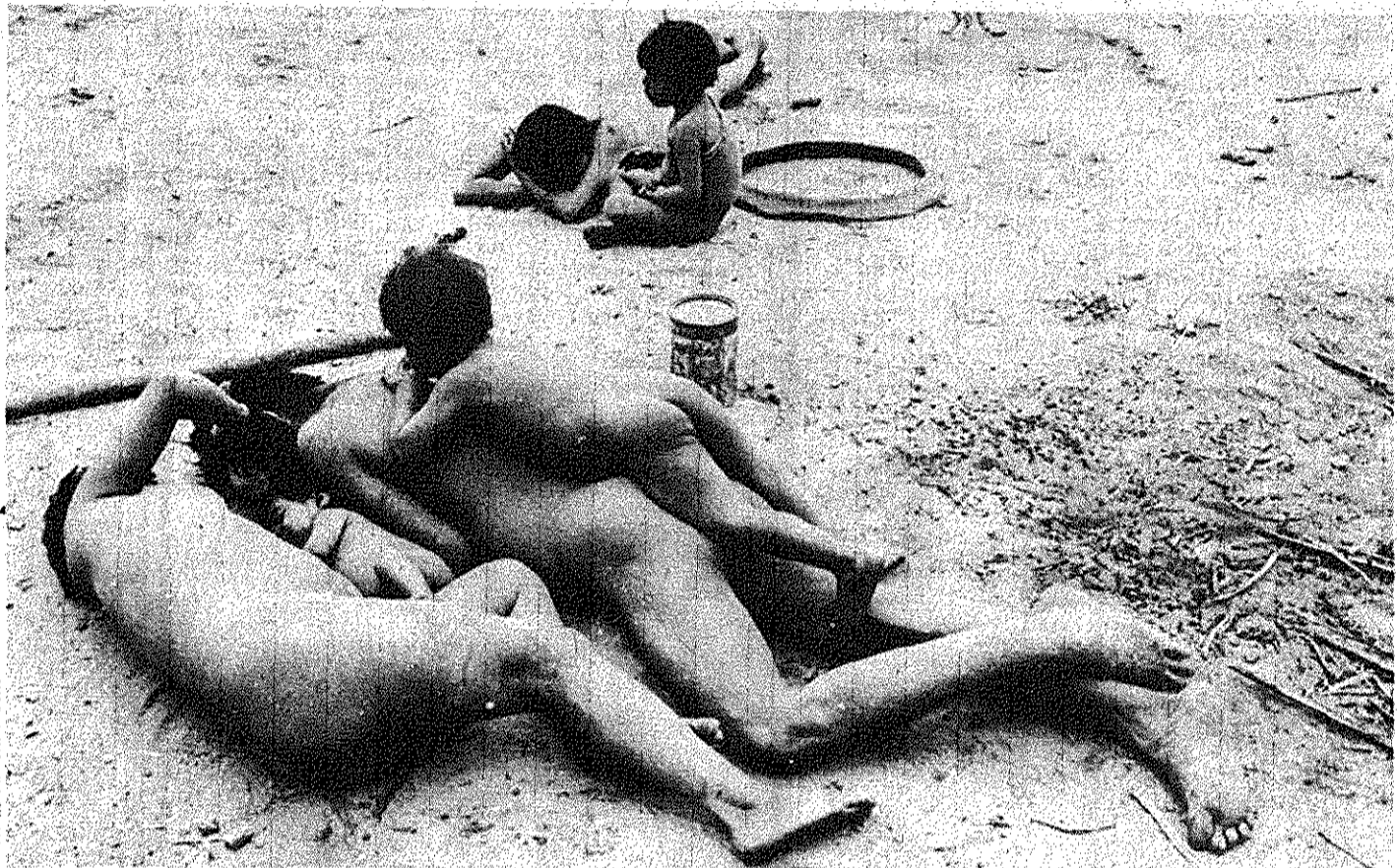
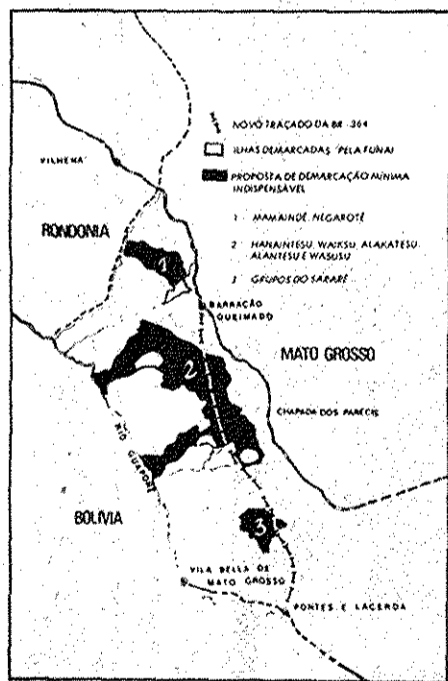


Foto de Vincent Carelli

Totalmente desassistidos, os nhambiquaras do grupo Alantesu foram confinados a terras pedregosas e pouco férteis no Vale do Guaporé.



Entre Barracão Queimado e Pontes de Lacerda, a variante da BR-364, cortando a área indígena.

será o sepultamento definitivo deste povo com a co-participação do Banco Mundial, exatamente no momento em que se está tentando viabilizar uma proposta de demarcação de reserva que assegure o mínimo de território contínuo necessário à sua sobrevivência", prossegue a carta. Os avisos de nada adiantaram e a construção da variante foi confirmada.

Projetada sob pressão das agropecuárias — que assim terão uma rodovia federal pavimentada em seus "quintais" — a variante da BR 364 está localizada entre a chapada dos Parecis e a serra de São Vicente, inteiramente dentro do fértil Vale do Guaporé, ocupado por milhares de índios no início do século. O novo traçado passa a 150 metros da área do Sararé, a 500 metros do grupo Vasusu, a menos de mil metros dos grupos Vaicusu, Alakatesu, Hahaintesu, a 200 metros dos Alantesus e ainda afeta as áreas dos mamaindes e negarotês, ao norte do Vale.

### DESINTEGRAÇÃO

A construção da variante, na realidade, é mais um capítulo na história da desin-

tegração física e cultural deste povo, acentuada a partir da ocupação do Vale pelas agropecuárias com autorização da Funai. Esta ocupação desconheceu um item básico na vida dos Nhambiquaras: o sentido de partilha e as fortes relações entre si.

A movimentação entre as aldeias é fundamental por causa da necessidade de partilhar as coisas. A invasão das agropecuárias interferiu na organização social indígena impedindo a circulação das comunidades fechadas por cercas de arame farpado, estradas particulares e peões armados. Toda a caça foi atingida e os índios foram privados da coleta do mel e dos frutos silvestres resultando assim na situação de subnutrição e miséria em que vivem atualmente, atestam antropólogos da Comissão Pró-Índio de Mato Grosso.

A desintegração continua por que fazendas e estrada atingem também as cavernas sagradas, localizadas nas encostas da serra dos Parecis, na região dos vasusus e onde moram os espíritos. O nhambiquara crê que a pessoa quando morre tem seus restos mortais enterrados no pátio das aldeias, mas sua alma vai morar nas cavernas com os espíritos eternos. Em dezenas destas cavernas há pinturas rupestres não pesquisadas cientificamente e os milhares de triângulos indígenas existentes são o símbolo da fecundidade e da fertilidade. Mas tudo isto está sendo destruído.

### SUCESSÃO DE ERROS

A trajetória de miséria e morte do povo nhambiquara confunde-se com a sucessão de erros no trato de seu problema por parte da Funai. Em 68, a Reserva Indígena Nhambiquara foi criada com erros grosseiros de avaliação e de informação e até acidentes geográficos inexistentes foram mencionados. Além disso, a reserva continha as piores terras e não abrigava todos os grupos indígenas, apenas duas aldeias (Camamaré e Serra Azul). Mais de cinco mil índios ficaram de fora da reserva que incluía apenas 10% da população indígena nhambiquara. Nesta época, o Vale já estava ocupado pelos fazendeiros com certidões negativas. Em 73, a Funai tenta corrigir o grave erro preocupada com a morte de centenas de índios e amplia a reserva.

Outro erro, pois não havia índios na área ampliada, que logo se revelou a pior possível: compunha-se de campos, cerrados ralos, pouca mata, solos pobres e de aproveitamento difícil. A Funai então interditiou uma área no Vale considerada em boas condições ecológicas

para abrigar grupos indígenas e transferiu para ela os hahaintesus e os vaicusus. O local excessivamente pedregoso e pouco fértil foi abandonado pelos índios em situação de miséria. Estas transferências provocaram conflitos e favoreceram o contágio de doenças. Dezenas de índios morreram.

Em 1976, a Funai reúne antropólogos de diferentes entidades para tentar desesperadamente solucionar o problema de uma área adequada e contínua para os índios. Seis propostas são feitas e uma das piores acaba sendo a escolhida pela Funai que incluiu em novo erro, inclusive o de liberar a maior parte da área interdita em 1974. Os índios não se adaptam aos terrenos impróprios para qualquer atividade agrícola. Em 77 e 78 novos estudos são feitos enquanto prossegue a morte de dezenas de índios. E então proposta a demarcação de pequenas áreas no Vale do Guaporé apenas para garantir a sobrevivência dos grupos nhambiquara, já em acelerado processo de extinção. Pressão exercida por grupos econômicos existentes na região dificulta a demarcação das pequenas reservas. Exemplo: a área dos hahaintesus teve seus limites diminuídos, porque um grande fazendeiro não queria ceder 5 mil hectares dos 240 mil hectares por ele ocupados.

Tantos erros chegaram mesmo a ser analisados pelo Conselho de Segurança Nacional, no Estudo n.º 016, de setembro de 1979: "A escolha da Reserva Nhambiquara ignorou todos os critérios científicos e todo o conhecimento etnográfico existente e, pior, as autorizações para a ocupação do Vale pelas agropecuárias foram expedidas não por desconhecimento dos fatos, mas com a intenção de entregar o que tradicionalmente era da comunidade indígena a membros da sociedade civilizada. Privaram-se os índios das melhores terras buscando concentrá-los onde não havia sequer condições para sua sobrevivência física. Os índios foram reduzidos às piores condições possíveis."

Atualmente, a questão da terra dos nhambiquaras permanece não solucionada. Os 60 mil hectares dos grupos do sararé estão sub judice. A região dos vasusus (10 mil hectares) e dos alantesus (12 mil hectares) estão demarcadas, mas invadidas. As áreas dos vaicusus e alantesus também estão invadidas porque a Funai nem mesmo reconhece que no local residem índios nhambiquaras. Já os grupos mamaindê e negarotê também não são reconhecidos pela Funai.